

Conflito na fronteira

Brasileiros foram metralhados, diz legista

Médico afirma que encontrou marcas de tiros nos corpos do piloto e do garimpeiro que viajavam no Cessna

Filme de legista brasileiro sobre autópsia é retido na Venezuela

EMANUEL NERI
Enviado especial a Puerto Ayacucho.

A Venezuela reteve os filmes e fotografias feitos pelo legista brasileiro Fortunato Badan Palhares sobre a exumação e autópsia do piloto e garimpeiro brasileiros mortos na derrubada de um avião por militares venezuelanos.

A decisão foi da juíza Nilda Aguilera, de Puerto Ayacucho (930 km ao sul de Caracas). A apreensão dos filmes contribuiu para que aumentassem as dúvidas sobre a verdadeira causa da morte dos brasileiros.

"Tive a permissão da própria juíza para que filmasse e depois os filmes me foram tirados", disse Palhares, ainda em Puerto Ayacucho, antes de voltar para o Brasil no avião Búfalo da Força Aérea Brasileira (FAB) que trouxe os dois corpos.

Palhares foi convidado pelo Itamaraty para acompanhar a exumação e autópsia dos brasileiros mortos na Venezuela. Antes de aceitar o convite ele consultou legistas venezuelanos e a própria juíza sobre seu trabalho.

"Ninguém me impôs nenhum tipo de limitação", afirmou Palhares, depois que ficou sabendo que não podia regressar ao Brasil com seus filmes. "Agora não tenho nem como apresentar minhas conclusões para o governo brasileiro", disse. Foram retidos quatro filmes de 36 fotos e dois filmes de vídeo.

Procurada ontem pela Folha, a juíza de Puerto Ayacucho não foi encontrada. O legista venezuelano Enrique Aponte, que coordenou a autópsia, disse que a decisão da juíza está baseada nas leis de seu país. afirmou que em oito dias será divulgado o resultado da autópsia. Funcionários do Tribunal de Puerto Ayacucho dizem que o resultado só sairá em trinta dias.

O médico venezuelano Miguel Sánchez, que participou da autópsia, disse que no corpo do piloto não há nenhuma marca de bala. Mas deu a entender que no corpo do garimpeiro Moisés Ferreira há sinais de tiros.

Embora tenha garantido ao governo brasileiro que os corpos seriam exumados e trasladados para o Brasil, a Venezuela criou dificuldades de última hora quanto à liberação do cadáver do garimpeiro Moisés Ferreira. O motivo alegado era a falta de documentação sobre a identidade do garimpeiro.



Garimpeiros brasileiros presos na Venezuela recebem visitas de seus amigos na delegacia

Brasileiros continuam presos em Santa Elena

'Garimpo ilegal vai continuar'

Do enviado especial a Santa Elena

O comandante substituto da Guarda Nacional venezuelana em Santa Elena, major Evert Enrique Parra, disse que os brasileiros continuarão a fazer mineração ilegal. Para ele, o interesse maior é evitar o pagamento de impostos.

O garimpeiro Francisco Anastácio Filho disse que "não é vantajoso pedir permissão para a garimpagem", pois custa "300 mil bolívares (Cr\$ 6 milhões)".

O major Parra disse que a sonegação de impostos não é exclusiva dos brasileiros. Na operação da semana passada, foram presos quatro venezuelanos e mais dez estrangeiros. (AbG)

ABNOR GONDIM

Enviado especial a Santa Elena

Os 16 brasileiros detidos pela Guarda Nacional venezuelana na semana passada devem continuar presos por pelo menos uma semana em Santa Elena do Uairén à espera da decisão judicial.

A juíza Mirian Gomes Torralba disse que aguarda informações mais precisas da Guarda venezuelana sobre as circunstâncias da prisão de cada brasileiro.

Ontem, quatro brasileiros foram depor no Juizado. São eles: Ednaldo Varão Ferreira, Francisco Costa, Geraldo Lucena e Bernardino Gonçalves. Eles reclamaram das más condições da delegacia, onde falta água.

Ferreira disse que um militar da Guarda venezuelana bateu o cabo do fuzil no seu estômago quando foi preso, na quarta-feira passada, no garimpo do Rio Pólo, a 100 km de Santa Elena. "Estou de férias, sou estudante e comerciante em Boa Vista (RR) e estava visitando um amigo", disse.

Os brasileiros estão sem advogado. Amigos dos presos disseram que os advogados estão exigindo até 15 mil bolívares —Cr\$ 300 mil— para defender cada brasileiro. "Ninguém tem condições de pagar isso", disse Francisco Anastácio Filho, que há quatro anos trabalha como soldador em Santa Elena.

Funcionárias do Juizado de Santa Elena disseram que cada decisão demora em geral uma semana. Mas pode alongar-se por mais tempo no caso dos brasileiros, por conta do grande número de presos.

Segundo elas, os presos por garimpagem ilegal, na maioria dos casos, são absolvidos por falta de provas. Em 91, 15 brasileiros foram absolvidos. A pena para garimpagem ilegal prevê até seis meses de reclusão.

O vice-cônsul do Brasil em Santa Elena, Clóvis Bonna, esteve com a juíza ontem mas não obteve data sobre a sentença dos brasileiros. "Ela disse que estava muito atarefada e pediu mais tempo", disse.

EFRÉM RIBEIRO Enviado especial a Boa Vista

O médico legista Fortunato Badan Palhares disse ontem em Manaus (AM) que encontrou marcas de dois tiros de metralhadoras no peito do garimpeiro Moisés Ferreira.

Palhares afirmou à Folha, por telefone, que havia lesões pelo corpo do piloto José Xavier de Mendonça provocadas por uma bala .50 de metralhadora. O piloto e o garimpeiro estavam no avião abatido por militares venezuelanos no dia 16 de janeiro.

O secretário nacional da Polícia Federal (PF), Romeu Tuma, disse em Manaus que há evidências de que Moisés Ferreira foi metralhado e que Xavier morreu em consequência da queda do avião e do tiro que recebeu.

Palhares disse que ainda não tem laudo conclusivo, mas, pelo que observou, pode "acreditar que os tiros contra Moisés foram disparados no chão".

A mãe de Moisés Ferreira, Josefa da Silva Ferreira, disse que o conselheiro do Departamento Consular e Jurídico do Itamaraty, Cesário Melantônio, informou que o resultado parcial da perícia feita pelos legistas confirmou que o garimpeiro foi metralhado. "O conselheiro disse

que havia marcas de balas no corpo do meu filho, mas que não sabia todos os detalhes por não ter recebido o laudo completo dos legistas", disse Josefa.

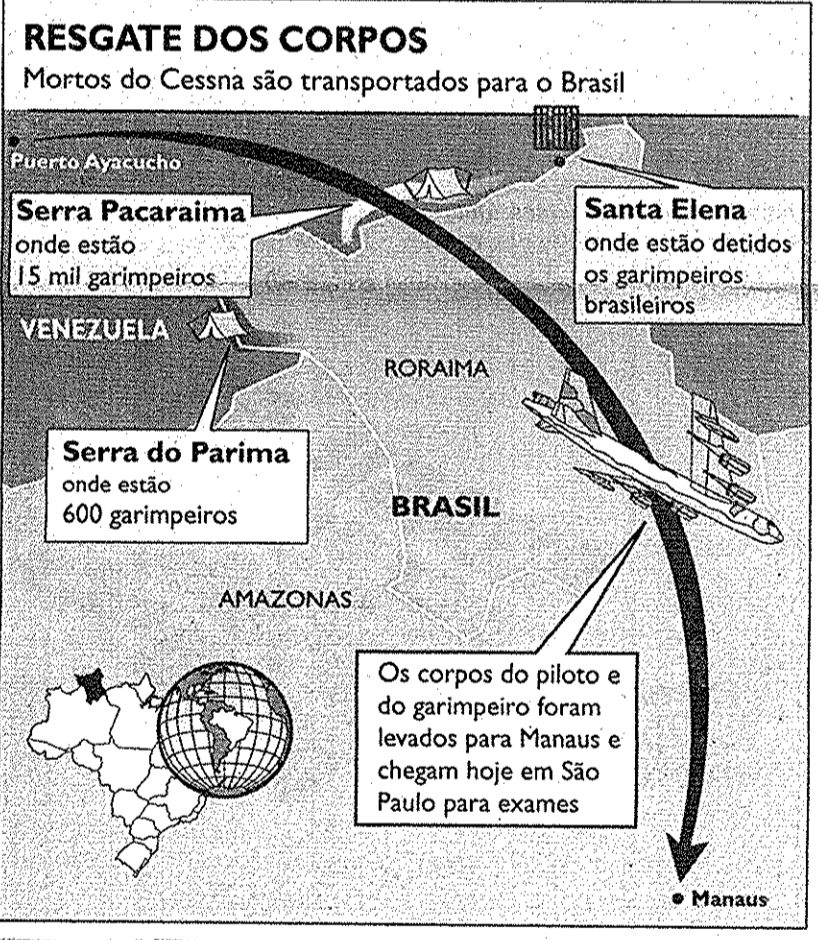
O conselheiro Fernando Barreto, do Itamaraty, negou que o conselheiro Cesário Melantônio tenha afirmado a Josefa Ferreira que o corpo de seu filho Moisés Ferreira estivesse metralhado.

O repórter da Folha estava na casa de Josefa Ferreira quando ela recebeu o telefonema do Itamaraty às 13h. Ela disse que Melantônio a informou que os corpos de Moisés e do piloto José Xavier de Mendonça tinham chegado em Manaus às 12h45 (horário de Brasília) e que a família seria comunicada quando o corpo deveria chegar a Boa Vista.

Até a noite de ontem, o Itamaraty não tinha retornado a ligação telefônica para Josefa. Melantônio foi procurado pela Folha às 16h e às 18h26, mas sua secretária informou que qualquer comunicado sobre o assunto deveria ser feito pela secretaria de imprensa do Itamaraty.

Os corpos exumados na Venezuela chegaram ao aeroporto da Base Aérea de Manaus às 12h45, com o delegado da PF de Manaus, Lacerda Carlos, dois agentes federais e dois oficiais da Aeronáutica. A saída dos corpos de Manaus para São Paulo estava prevista para a 0h de hoje.

Serão feitos exames radiológicos na Universidade de Campinas para localizar balas e "rastrear" os corpos para detectar fraturas e causas das mortes.



Líder de garimpeiros considera situação de fronteira uma vergonha

Da Redação e do enviado especial a Boa Vista

O presidente do Conselho da União dos Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal), José Altino Machado, no auge dos incidentes na fronteira com a Venezuela, envolvendo garimpeiros invasores na Venezuela, tinha mais informações do que qualquer representante da diplomacia brasileira.

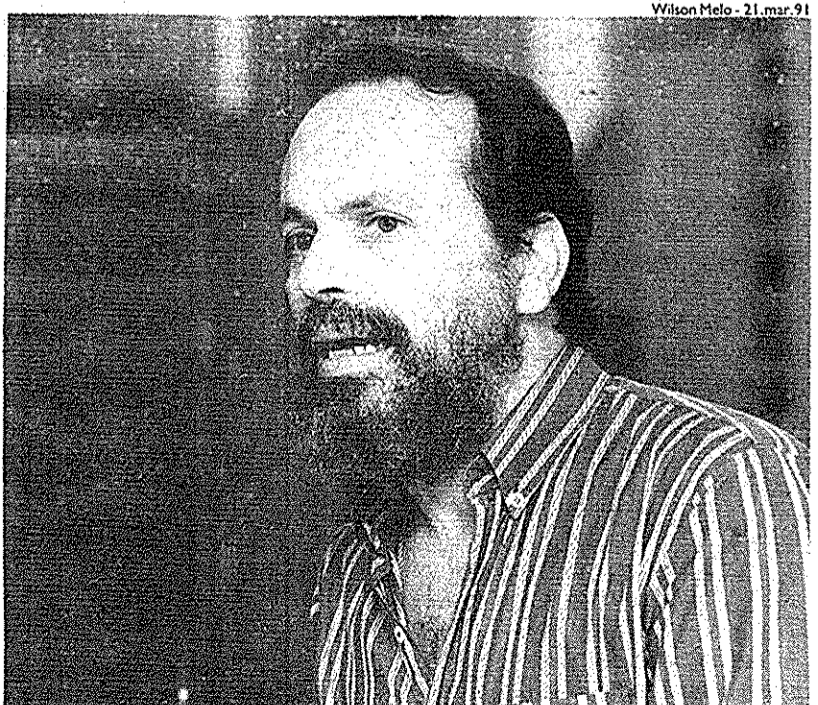
Machado conseguia contato direto, via rádio, com vários acampamentos de garimpeiros brasileiros ilegais na Venezuela. Ele tinha trânsito junto a representantes do governo venezuelano em Boa Vista (RR).

Esta estrutura contrastou com o volume de informações que o Ministério das Relações Exteriores do Brasil dispunha no início dos incidentes, logo após a derrubada do avião Cessna, no dia 16 de janeiro.

Em assuntos de fronteira, Machado costuma se referir às ações do Itamaraty do ministro Francisco Rezek como "uma vergonha".

O líder garimpeiro conheceu o ministro há seis anos, em Belo Horizonte, na casa do ex-embaixador do Brasil em Paris e político da extinta UDN Bilac Pinto. Segundo Machado, Bilac Pinto foi o mentor intelectual dos dois.

Da geração do grupo de políti-



O garimpeiro José Altino Machado dá entrevista em SP

cos mineiros do qual fazia parte Milton Campos, Bilac Pinto era amigo do pai de Machado e, em 1952, José Altino Machado foi morar na casa de Pinto para estudar em Belo Horizonte (MG).

Desde 1967. Nascido em Mariana (MG), fez as primeiras explorações de ouro em 66 no rio Jari (PA). Em 80, foi para Serra Pelada (PA) trabalhar no garimpo, passando a liderar os garimpeiros. Ele se tornou conhecido em 85, quando liderou a invasão da região de garimpo de Surucucus, dentro da reserva dos ianomami. Ficou preso 27 dias.